

Em Tese

ENTRE MANUAIS, TRAJETÓRIAS E PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO: ENTREVISTA COM SIMONE MEUCCI

Between Handbooks, Trajectories, and Brazilian Social Thought: An Interview with Simone Meucci

Entre manuales, trayectorias y el pensamiento social brasileño: una entrevista con Simone Meucci

Entrevistada

Simone Meucci

Professora Titular do Departamento de Sociologia

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

simonemeucci2010@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3148-4418>


Entrevistadora/es

Emilly Menezes Franco

Programa de Pós-graduação em Sociologia

Universidade Estadual de Campinas

emillygmfranco@gmail.com


<https://orcid.org/0000-0001-9978-7824> 

Erivan Cassiano Karvat

Professor Associado do Departamento de História

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

eckarvat@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2563-1565> 

Hilton Costa

Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais

Universidade Estadual de Maringá (UEM)


hcosta@uem.br

<https://orcid.org/0000-0002-2140-7729> 

Maro Lara Martins

Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais

maro.martins@ufes.br

<https://orcid.org/0000-0001-5898-6632> 

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento Social Brasileiro. Currículo. Trajetória.

KEYWORDS: Brazilian Social Thought. Curriculum. Trajectory.

PALABRAS CLAVE: Pensamiento Social Brasileño. Currículo. Trayectoria.

Simone Meucci é professora de Sociologia do Departamento de Sociologia, do Mestrado Profissional em Sociologia (ProfSocio) e do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PGSocio) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). É mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sua trajetória formativa e experiência singulares no Pensamento Social Brasileiro, investigando os manuais de Sociologia e a constituição de um campo científico institucionalizado dialoga com os interesses do dossiê *Pensamento Social Brasileiro: Intelectuais, Cultura e Política*, trazendo nesta entrevista um olhar sofisticado sobre o campo, indicando possíveis caminhos a serem seguidos e quais os possíveis obstáculos a serem enfrentados.

Hilton: Antes da professora, da pesquisadora e da referência intelectual, existia e existe a pessoa. Como Simone descobriu as Ciências Sociais?

Essa é uma boa pergunta [risos]. Eu acabo de fazer o memorial, final do ano passado, apresentei o memorial e isso está muito fresco na minha cabeça, e até no memorial eu deixei de escrever muita coisa [risos]. Eu descobri as Ciências Sociais num curso técnico de desenho industrial, eu era desenhista de móveis, cheguei a trabalhar na área de desenho de móveis e existia lá no currículo de desenho industrial no que se chamava na época de CEFET aqui, que hoje é a UTFPR¹, era uma instituição federal, portanto tinha uma formação científica muito severa, desde física, química, os laboratórios... Foi uma instituição desse projeto militar, da ditadura, de formação especializada de técnico e tecnólogo e depois a instituição passou a ter engenharia também. É uma instituição que fica aqui no centro de Curitiba, muito bem equipada. Só que entre disciplinas científicas duras, desenho técnico, geometria, tinha história da arte, entre os cursos técnicos era o que

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Sobre a história da UTFPR, vide: <https://www.utfpr.edu.br/noticias/londrina/utfpr-celebra-115-anos-como-referencia-em-inovacao-e-geracao-de-oportunidades>.



mais tinha, digamos, humanidades no currículo. Tinha história da arte e psicologia. E eu lembro do professor de história da arte que foi muitos anos aqui, professor do design na federal também, o Fernando Bini², ele falava sobre Marx, a dialética, fazia uma leitura... eu lembro de uma aula sobre estilo rococó, que ele falava da revolução francesa, que o rococó exigia a revolução [risos].

Eu fiquei absolutamente fascinada, eu não entendia quase nada do que ele falava, eu lembro dele falando da dialética, eu não entendia, mas a forma com que ele falava fascinou demais. E aí eu fui ver as alternativas para vestibular, e eu confesso que fiquei entre Arquitetura, Direito e Ciências Sociais. E Arquitetura que eu acho fascinante, que é uma área também, ela traz conhecimentos das exatas... e é uma linguagem também, e flerta muito bem com as humanidades, mas era um curso de uma concorrência muito difícil, eu não me sentia preparada. Direito, eu não me sentia igualmente preparada, e confesso que meu pai falava muito de fazer Direito, que ele me achava *brabona*, ele achava que eu poderia ser uma promotora bacana, acho que tinha uma fantasia dele sobre o meu futuro, e eu não tentei porque era muito difícil a nota de corte, e isso demonstra como que era a federal, na época, isso era 1990, tinha nota de corte, tinha nota mínima para entrar na universidade, além da concorrência nos cursos. E foi um vestibular cuja regra era se você errasse uma questão, anulava uma que você tinha acertado, era muito difícil vestibular na época, e aí eu optei por ciências sociais, entrei meio sem saber e fascinada com as aulas do Bini, que eu sabia que a discussão de dialética não ia ser feita no Direito, nem na arquitetura também [risos]. Interessante que não me ocorreu fazer Filosofia, acho que não era muito abstrata mesmo. Ciências Sociais me parecia calibrar bem essas estratégias, de saber se eu vou ingressar ou não vou ingressar. Eu queria... eu só podia entrar na federal, na época, anterior àquela legislação com Fernando Henrique Cardoso, tinha três ou quatro instituições superiores aqui em Curitiba.

Eu fiz um cálculo muito racional mesmo, eu não sabia onde que eu estava entrando muito bem e passei, acho que o segundo ano do curso, teve uma greve imensa e eu trabalhava com desenho industrial e eu cheguei a pensar em desistir, mas não foi algo que passou efetivamente pela minha cabeça. Logo a greve foi suspensa e teve a divulgação do PET³, na época não era educação tutorial, era programa especial de treinamento, hoje é programa de educação tutorial. E isso me seguiu no curso... foi um momento ruim para

² Fernando Antonio Fontoura Bini. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8275294767254259>. Acesso em: 26 jun. 2025.

³ Atualmente: <https://petcienciassociais.ufpr.br/>.



as Ciências Sociais, depois eu fazendo o memorial, descobri que era um momento muito ruim das Ciências Sociais, houve pouca demanda pelo curso de ciências sociais. Eu me sinto uma privilegiada que entrei no curso, no momento de crise, quase equivalente ao que estamos passando hoje, tem pouca demanda pelo curso, de fechamento de vagas nas ciências sociais, sobretudo nas instituições privadas. Tem um livro organizado por Elina Pessanha e Gláucia Villas Boas⁴ e um paper Simon Schwartzman⁵ falando sobre isso, e aí... ao mesmo tempo, fomos construindo novas possibilidades para o curso de ciências sociais. Quer dizer, abriu uma janela de oportunidades logo depois... em todo um processo, um movimento da sociedade mesmo. Foi uma geração que entrou em condições ruins e pegou depois condições melhores assim que se formou e até de fazer pós-graduação. Eu não sabia muito bem o que ia fazer com Ciências Sociais, eu fui porque eu gostava [risos], porque eu achava que esse curso me permitia entrar na Universidade Federal.

Maro: Com relação aos seus interesses iniciais, quais disciplinas, quais áreas te chamaram a atenção e como foi esse encontro com a área de pensamento social brasileiro: já se deu na sua graduação?

Bom, Maro, o ambiente da graduação de Ciências Sociais no primeiro e no segundo ano foi muito difícil, eram turmas muito reduzidas. Acho que entraram vinte e quatro e acho que ficaram uns quatro na turma original de 1990. E um pouco macambúzios, um pouco desolados. Um departamento um pouco envelhecido numa transição geracional nós tínhamos contato com os professores mais antigos, depois é que a nova safra de professores que entrou entre 1991, eu entrei em 1990 [na graduação], teve uma safra que entrou em 1991, depois outra em 1993, depois nós tivemos contato com os professores mais novos. Foi muito difícil e aí até eu falei do fechamento dos cursos nas universidades privadas, porque o que animou o curso, a minha turma em particular, foi o fechamento do curso na PUC⁶, que aí os alunos da PUC fizeram, o que hoje seria equivalente ao

⁴ PESSANHA, E. G. da F.; BÔAS, G. V. Ciências Sociais: ensino e pesquisa na graduação. Rio de Janeiro: Jornada Cultural, 1997.

⁵ Sobre o estudo em questão, vide: SCHWARTZMAN, S. O lugar das Ciências Sociais no Brasil dos anos 1990. São Paulo: NUPES, USP, 1990. Disponível em: <https://sites.usp.br/nupps/wp-content/uploads/sites/762/2020/12/dt9013.pdf> (não disponível online).

⁶ Pontifícia Universidade Católica do Paraná.



PROVAR⁷, eles se transferiram para a minha turma de 1990, eles entraram em 1991... eles acompanharam a turma, cerca de dez estudantes entraram no curso, alguns dos quais são meus colegas hoje, a Marisete Hoffmann-Horochosvki⁸, o Rodrigo Horochovski⁹, vieram dessa turma. A turma ganhou, digamos, um vigor juvenil.

Foi um ambiente de início muito difícil, porque eu acho que essa sociabilidade ela é importante, pensamos sempre em evasão no sentido da qualidade das aulas, é claro que tem esse aspecto, da expectativa quanto ao mercado de trabalho, mas acho que tem uma coisa da sociabilidade e que não estamos cuidando, inclusive atualmente, que é um cuidado difícil de pós-pandemia, tudo remoto, as pessoas não se conhecem mais através da sociabilidade nas instituições e mais por aplicativos e tal. Tem uma outra lógica, as cantinas foram fechadas por uma ação do judiciário aos contratos considerados ilegais. Eu sempre destaco isso, porque acho que tem essa dimensão. Esses dois primeiros anos foram difíceis, eu lembro do impacto intelectualmente falando, o impacto da antropologia para mim, aquela coisa que vira você de ponta cabeça das leituras de antropologia, eu fiquei muito... e era um curso, o currículo antigo muito marcado pela antropologia, com excelentes antropólogas, inclusive etnólogas aqui no departamento de antropologia da UFPR. E lembro de que a política tinha pouco lugar no currículo, e a sociologia tinha um lugar um pouco... muitos eram até professores de estudos sociais, então a sociologia não tinha muito uma forma no começo. E aí quando entrei no PET, a tutora do PET, que era a Benilde¹⁰, que foi quem implementou o PET, ela já nos dava liberdade, então já era uma coisa colegiada, dos doze alunos, sabe? A sociabilidade melhorou muito, porque ficávamos de fato o dia inteiro na universidade, tínhamos uma estrutura, uma sala.

A bolsa não dava para muita coisa, mas nós não tínhamos tantas despesas quanto hoje é necessário para o jovem, nós não precisávamos manter o celular, então era uma vida muito simples e muito voltada para a universidade, para leituras. Então nós fazíamos as leituras, escolhíamos um determinado tema, uma escola teórica, alguma coisa, aí nós,

⁷ Processo seletivo de aproveitamento de estudos da Universidade Federal do Paraná. Vide: <https://servicos.nc.ufpr.br/PortalINC/Concurso?concurso=PROVAR-APROVEITAMENTO-2026>

⁸ Marisete Teresinha Hoffmann Horochovski. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1814261304579049>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁹ Rodrigo Rossi Horochovski. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7124028943127330>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹⁰ Benilde Maria Lenzi Motim. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/benilde-maria-lenzi-motim/>. Acesso em: 25 jun. 2025.



no final do ano, fazíamos um evento, passávamos o ano lendo aqueles autores, o PET não tinha a coisa da extensão. Naquele momento, o PET era um treinamento, porque existia a expectativa da abertura da pós-graduação, da ampliação do sistema nacional de pós-graduação, e aí... o PET foi pensado para preparar esses graduandos para a pós-graduação. E aí fazíamos isso. Houve um momento que já era a tutoria da Ana Luísa Salas¹¹ do Adriano Codato¹² e do Pedro Bodê¹³, eles compartilharam a tutoria do PET e houve a ideia de lermos os clássicos do pensamento social brasileiro. Lemos Gilberto Freyre, eu já tinha lido numa disciplina com a Ana Luísa, de sociologia brasileira, mas aí teve esse confronto entre interpretações dos autores Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, lemos Caio Prado Junior, eu já fiquei muito fascinada com aquele debate, em um momento dos anos 1990, já aqui, 1993, 1994, da eleição, do protagonismo do Fernando Henrique Cardoso, de uma discussão sobre um Brasil liberal... que queria ser liberal, que confrontava o Brasil do Getúlio Vargas. Então aquela discussão dos anos 1930, ela fazia todo o sentido, de questionar o que é o Brasil, então eu fiquei, de fato, muito fascinada com essa discussão.

Tanto que para o mestrado, eu tentei o IUPERJ¹⁴ e a Unicamp¹⁵ como os dois lugares, na época ainda o IUPERJ, aquela casinha no Botafogo... porque eu queria prosseguir na área de pensamento social. Então o meu encontro com pensamento social se deu pelo currículo, tinha disciplina de sociologia brasileira, que foi a Ana Luísa que deu. Já tínhamos feito algumas leituras, mas foi no PET que isso foi aprofundado. E o meu projeto de mestrado... ele foi um projeto para estudar o Alceu Amoroso Lima¹⁶, um cara que

¹¹ Ana Luísa Fayet Sallas. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/ana-luisa-fayet-sallas/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹² Adriano Nervo Codato. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3926768348141273>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹³ Pedro Rodolfo Bodê de Moraes. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/pedro-rodolfo-bode-de-moraes/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹⁴ Atualmente, Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), após migração para a nova instituição em junho de 2010. Antigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

¹⁵ Universidade Estadual de Campinas.

¹⁶ Alceu Amoroso Lima. Vide: <https://www.academia.org.br/academicos/alceu-amoroso-lima-pseud-tristao-de-ataide/biografia>. Acesso em: 25 jun. 2025.



eu achei muito impressionante a trajetória dele, que era um cara reacionário, do movimento de reação católica nos anos 1930 e que no final dos anos 1950, ele se converte numa outra direção junto com a discussão dentro da Igreja Católica sobre a questão social. E acabei depois mudando para os manuais de sociologia¹⁷, porque através do Alceu Amoroso Lima eu descobri que tinha um conjunto de manuais de sociologia cristã. E aí eu queria ver mais sistematicamente qual que era aquele acervo com o qual o Amoroso Lima estava dialogando.

Erivan: Como surge o pensamento social nesse seu processo? Você mencionou que o PET tem um peso, mas que também na graduação tinha a disciplina de sociologia brasileira. E como surge, efetivamente, uma sociologia brasileira institucionalizada como disciplina, você consegue recuperar isso?

Eu não sei no currículo antigo como que isso estava, eu acho que tinha, do que eu me lembro, era sociologia brasileira, o termo era esse. A Ana Luísa era uma professora recém-concursada, acho que foi a primeira disciplina que ela pegou. Eu lembro de que ela produziu um plano de trabalho impressionante com uma bibliografia imensa e fascinante e até os alunos ficaram um pouco assustados, a turma, uma professora com aquele gás, com aquela bibliografia imensa, houve reuniões para ela reduzir a bibliografia e tal... foi um pouco tenso. Mas em termos do currículo, eu acho que essa é uma disciplina que estava no currículo há um tempo.

O currículo que eu fiz, eu acho que era um currículo de 1988 por aí. E aí é curioso, porque tinha disciplina de sociologia brasileira e tinha sociologia do desenvolvimento que pegávamos aquela discussão do ISEB¹⁸ e tal. Acho que de fato, a tua pergunta, Erivan, me ajuda a lembrar que acho que havia... quando apareceu a bibliografia do PET, já tinha um solo ali que estava pavimentado no próprio currículo, porque era a Sílvia Araújo¹⁹ que dava essa disciplina de sociologia do desenvolvimento, que era uma discussão praticamente

¹⁷ MEUCCI, Simone. **A institucionalização da sociologia no Brasil**: os primeiros manuais e cursos. 2000. 157 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1588473. Acesso em: 25 jun. 2025.

¹⁸ Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

¹⁹ Sílvia Maria Pereira de Araújo. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/silvia-maria-pereira-de-araujo/>. Acesso em: 25 jun. 2025.



sobre a história das Ciências Sociais no Brasil e como o tema do desenvolvimento se colocava. Era inevitável, eu associar toda aquela discussão, em sala de aula nós fazíamos isso, ao que estava acontecendo no Brasil, com uma discussão sobre o legado, o peso dos anos 1930 e o papel do Estado no desenvolvimento econômico.

Então é interessante como nesse momento e há muitos trabalhos desse período, de quem se formou na mesma época que eu, de ir para os anos 1920 e os anos 1930, entender o bloco agrário e industrial, como diria a Elide²⁰, de entender o que foi essa coalizão, o que foram esses acordos, os efeitos intelectuais e sociais dessa discussão relacionado ao que estava em questão nos anos 1990. Acho que do mesmo modo que recentemente na agenda de pensamento social, nos voltamos para os anos 1950, e nos anos 1990 houve uma preocupação com os anos de 1920 e 1930. Então acho que havia nesse período um chamamento, uma convocação para nós analisarmos esses anos 1920 e os anos 1930. Em termos de currículo eu não tenho mais lembrança além dessa sociologia brasileira, com uma ementa muito ampla e da sociologia do desenvolvimento. Tinha também a sociologia urbana, que lemos o Lúcio Kowarick²¹, que com a Tarcisa²², que também tinha acabado de fazer concurso. A produção do Lúcio Kowarick, também muito recente, então tinha um solo ali sobre o qual estávamos discutindo o Brasil sem esquecer do processo da democratização, nós estávamos inquietos e fascinados pelo Brasil, pelo futuro do Brasil.

Emilly: Eu quero aproveitar a resposta e o que você citou anteriormente, você falou dos manuais, que acabou se tornando seu interesse. No currículo, você menciona que suas pesquisas são sobre pensamento social e pensamento educacional, imagino que seja pelo encontro dessas duas coisas, então o que você considera que são os pontos onde essas duas sociologias se encontram?

²⁰ Elide Rugai Bastos. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/elide-rugai-bastos/>. Acesso em 25 jun. 2025.

²¹ Lúcio Kowarick. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/lucio-kowarick/>. Acesso em 25 jun. 2025.

²² Maria Tarcisa Silva Bega. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/maria-tarcisa-silva-bega/>. Acesso em 25 jun. 2025.



Obrigada, Emily, pela tua pergunta. A tua pergunta é o enodamento da minha trajetória [risos] que eu lembro que quando fazia mestrado, quando Ianni²³ assumiu a orientação, ele mesmo fez a provocação: por que não olhar para os manuais de sociologia? E eu fui fazendo o levantamento e ficando realmente fascinada por aquele primeiro conjunto de cerca de uma dezena livros onde antes não existia produção alguma... então é impressionante como fenômeno sociológico você pensar que em um determinado momento, em pouco menos de três ou quatro anos, um acervo de quinze livros aparece aonde antes não havia nada. O que eu quero dizer, Emily... que o meu mestrado, ele marcou essa... isso que é contingente na vida. Eu me aproximei do pensamento social e através do pensamento social me aproximei de um objeto que não é muito, digamos, usual na área. Em geral lemos os grandes autores, as grandes obras, e eu fui para esses autores menores, quer dizer... eu tenho retomado bastante esse trabalho de dissertação no sentido de olhar para ele com carinho e pensar a questão metodológica, inclusive que só agora eu consigo racionalizar. Mas é um conjunto de livros que reúne autores de diferentes status, inclusive. Então se pegamos o Alceu Amoroso Lima, ele tem um estatuto no cosmos intelectual brasileiro, você pega uma Francisca Peters²⁴, por exemplo, que eu já escrevi um capítulo²⁵ para um livro para a coleção organizada pelo Hilton e o Alexandre²⁶ aqui na editora [da UFPR], *À margem do cânone*²⁷, que é uma autora irrelevante do ponto de vista [canônico]... ela sistematiza as ideias do Alceu Amoroso Lima de uma maneira muito própria, trazendo uma concretude para o reacionarismo católico.

Então essa aproximação entre pensamento social brasileiro e o que eu chamo de pensamento educacional, porque os manuais escolares eles têm uma finalidade, uma complexidade, que a finalidade de ensino-aprendizagem, pressupondo a relação professor-

²³ Octavio Ianni. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/octavio-ianni/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁴ Madre da Igreja Católica. Não foi encontrada nota biográfica.

²⁵ MEUCCI, Simone. **O catecismo sociológico de Francisca Peeters**. In: Alexandre Dantas Trindade, Hilton Costa, Simone Meucci. (Org.). *À margem do(s) cânone(s) II: pensamento social e interpretações do Brasil*. 1 ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2017, v. 2, p. 27-52.

²⁶ Alexandre Dantas Trindade. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7128180090549420>. Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁷ Vide também a primeira e segunda edições da coleção: TRINDADE, Alexandre Dantas; COSTA, Hilton; ROIZ, Diogo da Silva. (Org.). *À margem do(s) cânone(s): pensamento social e interpretações do Brasil*. Curitiba: Editora da UFPR, 2014, v. 1, 280 p.; e MEUCCI, Simone; COSTA, Hilton ; TRINDADE, Alexandre Dantas. (Org.). *À margem do(s) cânone(s) III: arte e produção cultural*. 1. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2022. v. 1. 204p.



aluno, até mais hoje do que na época, mas era para uso em sala de aula, ele foi resultado dessa dissertação de mestrado. Então, desde então eu fiz o trabalho de doutorado²⁸, que foi analisar um livro, que tem o caráter também de um compêndio do Gilberto Freyre incomum, sempre à margem do cânone, não é Hilton? [risos]... A minha hipótese é de que esse livro, *Sociologia: introdução aos seus princípios*²⁹, é revelador da ossatura do pensamento do Gilberto Freyre e como que ele faz uma sistematização que revela muito do que ele considera válido para 1945, ainda do legado intelectual dele de 1930. Ele sustenta aquele projeto de ciência sociológica nos anos 1930, quando já temos um outro debate...

Na minha trajetória após o doutorado, não foi muito linear, eu volto para Curitiba, trabalho em algumas faculdades privadas aqui, e sou convidada para ser a coordenadora técnica do Plano Nacional do Livro Didático³⁰, seria a primeira edição quando houve a avaliação de livros de sociologia, porque a sociologia foi tornada obrigatória por lei em 2008³¹. Eu fui convidada em 2009, na época esse processo era feito muito... você era convocado três anos antes de sair o resultado. Eu comecei a estudar os livros didáticos da época de sociologia, e também fiz disso objeto de minha análise, além do trabalho de orientação que também conflui para isso. Já orientei trabalhos sobre Anísio Teixeira, sobre a sociologia no ensino médio, essa ideia de cidadania, de democracia que está presente nos documentos que aprovam o ensino de sociologia, então eu fui... [é] interessante isso... eu fui lida... eu tive a sorte de que a minha dissertação surgiu em uma época propícia, ela estava sendo produzida quando estava em debate a obrigatoriedade do ensino da

²⁸ MEUCCI, Simone. Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil: da sistematização a constituição do campo científico. 2006. 329p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1602487. Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁹ FREYRE, Gilberto. *Sociologia: Introdução ao Estudo e seus Princípios*. São Paulo: José Olympio, 1945. 775 p.

³⁰ BRASIL. Plano Nacional do Livro Didático 2012: Sociologia (PNLD 2012). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011. 36 p. Disponível em: https://www.fnede.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/Guias/PNLD_2012/Guia_PNLD2012_SOCIOLOGIA.pdf. Acesso em: 25 jun. 2025.

³¹ BRASIL. **Lei nº 11684, de 2 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, 2 jun. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm. Acesso em: 25 jun. 2025.



sociologia na Câmara de Deputados. Aliás, tem a Wanirley³² aqui no setor de educação que também estudou os manuais de sociologia no mesmo período... é uma coisa do momento, do espírito do tempo mesmo. Aqueles agentes que estavam atuando para que a sociologia se tornasse obrigatória no ensino médio, estavam nas frentes no Conselho Nacional de Educação, leram o meu trabalho e consideraram ele um marco importante, essa história fez todo sentido, retomar os primeiros cursos de sociologia, ela fez todo o sentido.

Hoje eu tenho preparado alguns artigos, alguns textos aqui de como essas pessoas leram o Florestan Fernandes³³, por exemplo, como se apropriaram de uma maneira muito própria dos textos do Florestan Fernandes, que está no texto das orientações curriculares nacionais. É bem interessante. Então eu digo que é um pensamento educacional porque é pensar o ensino da sociologia numa chave que mobiliza interpretações do Brasil, aspirando uma ação educacional para a democratização do Brasil. Então isso é muito... foi uma contingência, e hoje eu tenho mais consciência disso, é claro que já são 30 anos de trajetória, hoje eu olho para isso e falo “Nossa, que sorte!” porque eu poderia dizer que eu tenho uma posição muito singular no campo do pensamento social brasileiro, acho que são poucas as pessoas. Lembro muito da Helena Bomeny³⁴, que faz uma análise sobre educação e pensamento social. A Helena foi na chave dos intelectuais e eu na chave do ensino da sociologia. Muitas vezes meio deslocada, duplamente deslocada, eu não estou em um lugar que não é uma discussão sobre teoria da aprendizagem e também não estou em um lugar muito confortável no pensamento social, da perspectiva do escrutínio dos cânones digo. E por muito tempo eu sofri com isso, mas hoje eu acho que é uma posição privilegiada.

Maro: Como você enxerga essas relações de tensão e fronteiras, entre essa área que foi se constituindo, que a gente tem chamado, porque o próprio termo pensamento social tem a sua história de uso e significações, inclusive ao longo do tempo. Como você vê essa área e as Ciências Sociais de um modo geral? Como se deu o seu

³² Wanirley Pedroso Guelfi. Vide: <http://lattes.cnpq.br/1598048413670066>. Acesso em: 25 jun. 2025.

³³ Florestan Fernandes. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/florestan-fernandes/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

³⁴ Helena Bomeny. Vide: <https://sbsociologia.com.br/project/helena-bomeny/>. Acesso em: 25 jun. 2025.



encontro com a sociologia paulista, especialmente com Octavio Ianni, e também com a Elide?

Obrigada pela pergunta, Maro, porque eu, há uns anos atrás, participei de uma mesa na SBS³⁵, que era uma discussão sobre o pensamento social, no sentido um pouco do que é o pensamento social, qual é o futuro da área do pensamento social. E ali eu refletia sobre pensamento social: é um termo que é ambíguo, porque ele nomeia uma fortuna crítica, ele nomeia uma bibliografia, digamos, e ele nomeia uma área, uma certa episteme, como se coloca, como linha de pesquisa na pós-graduação e tal. Então, muita gente, e creio que vocês da área devem enfrentar isso, acha que nós não fazemos pesquisa propriamente dita, que nós “lemos uns livros” [risos]. E muitos acham que... não é uma confusão só de quem está fora da área, muitas vezes é confusão de quem está dentro da área... que nós temos que fazer um resgate de autores, às vezes até uma coisa meio muito laudatória de autores.

E a Elide, ela foi... já aproveitando o gancho com a primeira e sua segunda questão... A Elide, eu sempre fiquei impressionada com as aulas de Elide na Unicamp, porque ela traz uma coisa de interpelar, essa bibliografia, quer dizer, o que que a área faz? Ela se dobra sobre a bibliografia que a nomeia, interpellando e a Elide usa muita teoria sociológica mesmo. Ao olhar para o pensamento social, não fazemos uma arqueologia dos autores. O que fazemos é escrutinar as condições de produção e os efeitos sociais daquelas ideias e discutir, muitas vezes, seu estatuto para teoria social. Quer dizer, como é que esses autores interpellam a teoria social, como nós os interpellamos a partir da teoria social esses autores. Então, creio que a agenda que o André Botelho³⁶ na UFRJ³⁷ é isso, é uma indagação a partir da teoria sociológica do pensamento social de uma maneira muito própria, fazer uma discussão sobre essa fortuna crítica e o valor dessa fortuna crítica para discutir o mundo contemporâneo atual. Então, não é um resgate, eles não são autores extemporâneos, eles têm um valor analítico e muitas vezes teórico importante, como uma sociologia política por vezes... e acho um projeto muito exitoso esse da Elide. É uma área que cresce, é uma área consolidada, em que se vê trajetórias de colegas mais recentes, a discussão das mulheres

³⁵ Refere-se ao Congresso Brasileiro de Sociologia.

³⁶ André Pereira Botelho. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2606136061740257>. Acesso em: 25 jun. 2025.

³⁷ Universidade Federal do Rio de Janeiro.



no pensamento social, do pensamento feminista por exemplo. Então eu vejo como foi um projeto exitoso, o pensamento social como área de conhecimento tem recursos importantes para a crítica teórica contemporânea.

E o encontro com... lembro-me quando eu fiz a seleção, no IUPERJ eu não fui aprovada, na Unicamp fui aprovada na seleção de mestrado e lembro-me que Elide estava na banca de mestrado. E eu tinha lido alguma coisa dela, um texto de 1988, acho que sobre Florestan Fernandes³⁸, e eu queria ser orientada pela Elide, mas acho que ela já estava com a agenda de orientandos já fechada, então eu não consegui, eu fiquei procurando por orientador uns meses, fui aprovada e fiquei procurando. E o meu encontro com o Ianni foi sobretudo como, em primeiro lugar, com aluna. Eu fui aluna da disciplina de teoria sociológica, que era uma disciplina do núcleo comum lá do programa de mestrado em sociologia, uma disciplina que fazíamos naquelas tardes quentes de Campinas, a sala cheia, e eu fiquei fascinada, eu me apaixonei pelo Ianni, no modo como ele combinava mal humor com bom humor e muito cinismo... ele era cínico, ele era engraçado, e sobretudo o modo como o mundo inquietava ele, o mundo era absolutamente inquietante e até desconfortável, e ele se sentia confortável ao mexer nesse desconforto do mundo. Na época, ele um grande autor da discussão de globalização, estava publicando muitos livros, eu entrei em 1996 e ele estava meio “fechando a lojinha”. Eu fui lá com o projeto, ele me mandava escrever de novo e eu achava que, nossa, eu tinha que escrever direito o projeto, caso contrário ele não ia me orientar. Depois da quarta vez que ele pede para eu reescrever o projeto, eu disse “mas você me orienta?” E ele falou “mas eu tô fazendo o quê? Eu já estou te orientando” [risos]

Eu lembro que dessa turma ele orientou dois ou três estudantes, daquela turma de mestrado. E foi um momento, como eu falava para vocês, em que ele estava muito, muito inquieto com essa... acho que tinha acabado de ser eleito o Fernando Henrique Cardoso, a imprensa atrás dele, ele preocupado com essa agenda para o Brasil também. Quer dizer, aquilo que eu sentia na graduação, ali assumiu contornos bastante sérios, que envolvia aqueles agentes com os quais eu tava convivendo. A Elide, por sua vez, foi orientada dele também, então quase me sinto em uma genealogia comum.

Eu me sinto muito privilegiada e claro que o que eu sou hoje, eu devo muito a eles, embora eu estou muito aquém do que eles foram, muitas das coisas eu lembro, é uma

³⁸ BASTOS, Elide Rugai. A questão racial e a revolução burguesa. In: Maria Angela D'Incao. (Org.). O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes. 1ªed.São Paulo: Paz e Terra, 1987, v. , p. 140-150.

discussão que nós pouco fazemos na área de pensamento social, ou mesmo na sociologia da sociologia, do que é o trabalho de orientação? Do que que é orientar. Um trabalho complexo, eu acho, até uma relação meio antiga e artesanal, uma relação complexa de mestre e aprendiz, que aprendemos não só nas sessões em que a pessoa fala “olha, acho que você tem que ler isso”, mas aprendemos ao ver o outro fazer, ao ler os textos, ao vê-los dar aula. Então é uma formação que se dá muito nesse contato, e na Unicamp eu tive isso, de também ficar o dia inteiro lá em todas as atividades, ficar na biblioteca. Eu fiquei um período sem bolsa, no mestrado foi um ano, no doutorado também, o primeiro ano ficar sem bolsa, até chegar a bolsa e tal. No doutorado eu fiz um pedido para a FAPESP³⁹, mas antes de chegar a bolsa eu dava meus pequenos golpes, aulas. Imagina, a Unicamp tinha muita gente qualificada para dar aula nas faculdades privadas que então abriram, houve aquela legislação do governo Fernando Henrique, eles aproveitavam essa mão de obra disponível... não era nada registrado em carteira, eram acordos que se fazia, eu trabalhava muitas vezes em cidades nos arredores de Campinas. Mas quando eu tive bolsa, eu fiquei o tempo todo lá, imersa nesse ambiente, e como isso é fundamental, não é Maro, de novo a sociabilidade, de você estar junto ali naquele ambiente, o Alexandro, hoje meu colega hoje de departamento, que foi meu primeiro amigo na Unicamp, eu lembro do primeiro dia que eu o vi, foi na seleção do mestrado, organizamos um grupo, fundamos a revista Trapézio⁴⁰, muito estimulado pela Elide. Então, era um ambiente muito acolhedor nesse sentido, era uma vida dura, difícil em muitos aspectos, mas uma vez que eu assumi que eu queria isso, queria ficar no mestrado, eu tive, digamos, a possibilidade desse compartilhamento.

A Elide, ela vem também com uma agenda de pesquisas que é da Escola paulista de sociologia, era muito interessante, ela falava muito sobre o convívio com o Florestan Fernandes na PUC de São Paulo, então eu li o Florestan, assisti as aulas da Elide sobre Florestan e vi ela falando do Florestan colega de departamento. E por sua vez eu tinha também a orientanda do Octavio Ianni, então é uma relação de uma bibliografia que te dá aula, que você também tem uma dimensão do relacionamento que eles tiveram entre eles, muitos professores foram vítimas da ditadura em uma escala, desde o afastamento até

³⁹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

⁴⁰ Revista semestral dedicada à análise do Pensamento Social, vinculada ao Centro de Estudos Brasileiros do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, com publicações de 2001 a 2004. Vide: https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/busca-livros/all?search_api_views_fulltext=trap%C3%A9zio. Acesso em: 25 jun. 2025.



torturados ali na Unicamp. Tínhamos uma dimensão muito concreta e isso para pensamento social é muito interessante, é heurísticamente valioso essa vivência, porque você via de que maneira a ditadura agiu sobre a pessoa, em sua agenda de pesquisa, no modo como ela dá aula, sobre o modo como ela vê o mundo, então isso é digamos, uma vivência tridimensional, você lê os textos dos autores, você tem uma convivência pedagógica, eles te avaliam, eles te dão aula, e por outro lado você também conhece a rede da sociabilidade deles e como é que ela se formou. Isso não deixa de ser uma forma de compreender o pensamento social também, os agentes em curso ali.

Eu terminei o mestrado, vim para Curitiba para trabalhar, porque existia muito trabalho, abriram faculdades privadas, era um momento difícil do ponto de vista da abertura de concurso público, mas por outro lado abriu muitas vagas em faculdades privadas para dar aula e eu voltei para cá e acho que eu fiquei um ano poupando dinheiro, trabalhando um ou dois anos, não lembro muito bem... agora me escapa... para me preparar, inclusive financeiramente, para voltar para o doutorado, para fazer o doutorado na Unicamp, não prestei em outro lugar, eu queria seguir esse grupo, essa linha no programa... eu entrei no doutorado em ciências sociais que no meio do caminho virou doutorado em sociologia. Então eu fiz a mudança também para a sociologia, porque a Elide foi para a sociologia, ela disse “venha comigo” [risos], foi interessante porque quando eu terminei o mestrado conheci o livro “Sociologia” do Gilberto Freyre, esse que depois vai ser meu objeto de análise no doutorado, eu pensei “ah, eu não queria nunca trabalhar com Gilberto Freyre” porque que pessoa difícil? Porque ele fala uma coisa, depois na frase seguinte ele já fala outra e um jeito de escrever que eu tinha uma dificuldade. No gênero de escrita, dos manuais didáticos, o Gilberto Freyre fazia uma coisa que contrastava com aquele conjunto de livros objetivos.. No doutorado eu proponho analisar Gilberto Freyre já no projeto de origem, porque eu pensei... “como é que um livro daquele é possível nos anos 1940 quando a linguagem sociológica já tava se transformando em outra coisa? O que é que esse cara queria?” e a Elide, então ela disse “bom, agora sim, agora eu te oriento” fiquei muito feliz, eu entrei em 2002 já como... desde o resultado da seleção, já com a orientação de Elide... o Ianni morre em 2004, um ano e pouco depois, ele morre no começo, em abril de 2004. Foi uma coisa... fomos muito surpreendidos, porque nós sabíamos que ele estava doente, tínhamos alguma noção de que ele estava enfrentando algum problema de saúde, mas ele sempre muito discreto e sempre dando aula. Então ele tinha mais de 70 anos, ele foi aposentado pela compulsória, já não dava aula na graduação, mas na pós-graduação ele estava dando aula e fomos surpreendidos pela morte dele, uma semana ele estava dando



aula na pós e na semana seguinte ele tinha falecido. Até, eu queria conversar com ele, já tinha falado por telefone com ele, de conversar um pouco sobre a estadia dele em Curitiba nos anos de 1950 durante o período da sua pesquisa de doutorado sobre as relações raciais na cidade. Ele falava muito pouco sobre isso... ele falava, às vezes ele dizia “nossa, mas era bastante complicado o ambiente da UFPR” alguma coisa, por causa dos católicos aqui na Federal do Paraná. Mas eu queria... ele demorou para aceitar [falar sobre] e quando convenci ele, logo depois ele faleceu. Foi uma perda enorme para nós ali do pensamento social na Unicamp, porque acho que ele tinha ainda na pós-graduação muito a nos, digamos, as suas aulas, a inquietação dele... Acho que ele foi cedo. Hoje eu me pego pensando, nas coisas que tem acontecido no Brasil, o que ele diria de tudo que está acontecendo? [risos] Inclusive a Meire Mathias⁴¹ fez um, um pós-doc conosco aqui na Federal e ela fez um trabalho sobre o Octavio Ianni e deu um curso sobre o Octavio Ianni. Oferecemos um curso na pós-graduação sobre o Octavio Ianni e acho que no Seminário de Sociologia e Política⁴² do ano que vem devemos fazer uma mesa especial pois fará 100 anos de nascimento do Octavio Ianni.

Nossa, era fascinante, era fascinante como ele passava pelos autores clássicos, eu lembro que ele usava aquelas, sabe aquelas fichas de cartolina pautadas? Ele vinha para a sala com as fichas, e algumas amareladas e outras não, quer dizer, ele relia as obras, relia as fichas e recolocava com as leituras recentes que ele estava fazendo e numa conversa muito... parecia que ele estava abrindo uma caixa de ferramentas e brincando, não no sentido pouco sério da coisa, mas colocando os autores em diálogo de uma maneira, parecia um mágico... e tinha um jeito muito de quem foi seminarista, tinha um jeito, uma postura. E lembro que nós fazíamos perguntas e ele, ele às vezes muito ácido, perguntava sobre a pertinência da pergunta, primeira coisa que ele fazia “mas faz sentido essa pergunta?” e tal, era muito, muito, muito interessante mesmo.

Lembro-me de uma aula que ele falava espantado, ele falava... ele tinha uma parati cinza... ele vinha de São Paulo para Campinas com a parati dele e eventualmente, acho que ele pegava táxi ou alguma coisa. E lembro-me que ele foi dar uma aula de escola de Frankfurt, ele disse “e não é que eu entrei no carro e fez um barulho, travaram as portas” e

⁴¹ Meire Mathias. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6400808578437895>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁴² Seminário organizado por discentes do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR e realizado pela Associação Nacional Sociologia & Política. A edição mais recente ocorreu no ano de 2024.



ele falava “é isso, a gente está preso, é, preciso pedir para te liberarem” e ele não usava o computador, ele não escrevia no computador. Hoje eu entendo que ele, na época eu não entendia muito bem, ele falava “é outra episteme, não é uma ferramenta, ela vai impor uma outra forma de pensar”. Então ele fazia tudo, eu trabalhei na secretaria junto com o Alexandre no relatório da CAPES, que na época chamava Data CAPES, íamos pegar os dados da pós-graduação e ele fazia tudo em máquina de escrever, e ele falava isso, “não se pode usar isso sem saber do que isso significa” então ele discutia muito na época essas questões, desse mundo em transformação, o ataque às torres gêmeas e o que depois nos últimos anos, quando voltei no doutorado, muito preocupado com ação dos Estados Unidos, a ação militar dos Estados Unidos no Afeganistão e o que isso significava, ele tinha noção da tragédia do mundo. Era interessante como ele manipulava a teoria sociológica e ele não era uma pessoa triste, era uma pessoa criativa diante da tragédia, eu acho, e disso eu me lembro bem e [fico] muitas vezes muito comovida, de como precisamos desse exemplo, dessa postura diante do que estamos vendo e só se agravou, ele tinha toda a razão.

Erivan: Você comentou sobre sua trajetória, como você se vê nisso, de uma maneira ou outra, isso reverbera, acho que para todo mundo aqui, um certo desconforto em relação ao pensamento social. Então, queria que você recuperasse um pouco isso para pensarmos, porque muitas vezes para alguém que é da História e está num programa de História, isso também *me pega*. É um amplo debate esse lugar do pensamento social na historiografia e muitas vezes do não-reconhecimento do campo do pensamento social, que se transforma em história intelectual, por exemplo, como campos muito próximos fazendo quase a mesma coisa. Queria que você recuperasse o final da tua observação anterior.

Ele é menos um desconforto em relação a como os outros me veem e mais um desconforto meu, quase que íntimo mesmo meu, se eu consigo... claro que a agenda do pensamento social, ela... a discussão que eu faço tem reconhecimento até em razão dessa particularidade. Mas às vezes eu me vejo com uma demanda que é sobretudo a licenciatura, os temas da licenciatura, ela me faz ser meio deslocada da agenda canônica do pensamento social. Então eu não consigo muitas vezes acompanhar o que se está sendo produzindo, fazendo ou lendo na área de pensamento social. Tem a ver com a questão que a Emilly me colocou, eu acho que o próprio lugar que a licenciatura teve na



segunda metade dos anos 2000 nas ciências sociais, com os projetos PIBID⁴³, também me trouxe... havia um financiamento enorme da CAPES, muitos alunos fazendo licenciatura. Então eu trabalhava, teve um período que eu estava, Erivan, dando aula na pós-graduação de teoria contemporânea, dando aula na graduação de sociologia no Brasil e indo para a aula do ensino médio na escola que eu acompanhava, eu fui coordenadora do PIBID e ia direto na escola, no ensino médio, e isso toma tempo, e às vezes eu me senti um pouco deficitária em relação, né... porque é uma questão de tempo mesmo, eu ficava pensando “nossa, mas eu não estou lendo o que fulano publicou” então eu me sentia um pouco desconfortável por isso.

Por outro lado, para aqueles que estão discutindo ensino da sociologia, me veem muito como do pensamento social, então o jeito que eu leio os manuais de sociologia, os livros didáticos de sociologia, e até isso tem repercussão sobre a PNLD também, o jeito que eu leio é discutindo, uma episteme do livro, às vezes... e isso me torna também um pouco marginal nesse ambiente, um pouco, digamos, externa também. Então esse é um lugar, vou usar o Georg Simmel, acho que eu estou num momento que eu já estou muito tranquila em relação à falta de tempo de um lado, ou a um modo muito singular de olhar para os objetos de ensino de sociologia por outro. Tenho tentado conciliar. Reconheço a agenda de pensamento social quando eu examino o modo como Florestan Fernandes dos anos de 1950 é apropriado por uma causa muito específica que é a defesa do ensino da sociologia nos anos 2000.

É fascinante, isso que a Elide fala, o efeito social das ideias por agentes que não são leitores especializados do Florestan Fernandes, que estão transformando seus argumentos em um emblema para uma determinada causa. Então acho que isso eu estou hoje, Erivan, Maro, Hilton e Emilly, eu estou vendo que esse modo de olhar traz uma visão nova sobre Florestan, por exemplo, que não é uma leitura de Florestan, mas é “as leituras que se fazem de Florestan” em um documento como diretrizes, orientações curriculares nacionais. Então esse desencaixe ele é heurísticamente fecundo e eu sempre tive da área de pensamento social, isso reconhecido. O que eu tinha era temor de não conseguir acompanhar tudo que se fazia na área, que é uma produção impressionante. No meu memorial eu falo que quando dou aula de sociologia no Brasil me impressiono com o volume das publicações atuais, a produção atual de pensamento social, e como temos revisto de modo novo autores, é espetacular o que está acontecendo, eu tenho essa angústia de: é uma produção imensa

⁴³ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

que eu não consigo acompanhar. E eu acho que todos têm, acho que todos nós temos, é difícil, por isso que tem essa discussão de revisão sistemática da bibliografia, quase industrial e mecânica, que em muitas áreas se usa muito deliberadamente e na nossa área tem um pouco de... porque nós, sociólogos das ideias, historiadores das ideias... sabemos que não é só essa visão quantitativa, das redes e tal, mas do que as redes de fato produzem.

Erivan: O bacana de pensar isso, você usou a expressão “agenda canônica do pensamento social” e como de repente mesmo, toda essa... o que é possível, o lugar que você está ocupando, ele implica em rever essa agenda canônica, como você vai além de uma agenda canônica e como estão efeitos sobre o próprio campo... que é sair da interpretação do controle exclusivamente, pensar o autor sendo apropriado...

Apropriado por outras formas, outras agendas, outras coisas, e também hoje eu posso dizer que nós estamos muito preocupados com a questão da divulgação científica, com a discussão da extensão, e acho que isso também traz um fôlego novo para a área de pensamento social. Quer dizer, hoje, eu acho que a minha pesquisa sobre ensino da sociologia, a indagação como é que estão as sínteses textuais da sociologia na escola ganha um outro significado, uma nova importância.

Erivan: Grande questão... Há um tempo atrás, vieram me perguntar, porque faço parte de um grupo de história intelectual, como que faríamos para dar conta agora da extensão, como que é possível pensar história intelectual, diante da exigência, por exemplo, de implantar programas de biografia dentro do mestrado, por exemplo. É um super desafio e que entendo que vai muito por aí, não é uma exegese mais, do autor ou do movimento ou de uma biografia. Isso é reinventado, o autor, a biografia, são reinventados à medida do que é apropriado e que foge muitas vezes do controle acadêmico, é um desafio, né?

Uma discussão que eu faço com alguns colegas meus é que na extensão pensamos muito em produzir conteúdo para as redes sociais e *podcasts* etc. Acho que temos isso e temos excelentes projetos, mas por outro lado nós precisamos trabalhar na escola, porque tem gente trabalhando para a escola e está produzindo coisas assustadoras para a escola, nós sabemos, a escola é o lugar onde você vai, digamos, os professores da educação



básica, como eles estão selecionando esse conteúdo que está sendo produzido. Então não basta produzir um *podcast* e jogar o *podcast* na rede, eu acho que tem um trabalho... até porque está ficando enorme, como é que é a seleção disso, como é que é esse trabalho? A escola, ela tem um papel importante e o livro didático tem um papel importante também nisso, quer dizer, como é que ele aciona... tenho visto acionarem parte uma produção regular que tem sido feita nos programas de pós-graduação. Como é essa relação entre o que se produz na universidade, as editoras e autores de material didática, a política pública de avaliação e distribuição de livros e as condições apropriação do conhecimento no espaço escolar?

Então essas coisas têm que... é uma polia... desculpem a metáfora mecânica, que ela não é muito adequada, mas nunca encontrei outra melhor... mas é uma polia de transmissão. E outra coisa é a produção para professores da educação básica: não há produção, não há coleção para professores da educação básica, eles leem os livros didáticos como referência. Se eles leem o livro didático como referência para a formação deles, é sinal de que tem alguma coisa faltando, eu acho que essa produção paradidática, essa produção... [faz] nos faz pensar, acho que nós podemos pensar como área de pensamento social, a produção de coleções para professores, dedicada aos professores, que tenha essa relação, esse compromisso com os professores, que é um público absolutamente ignorado... não só para sociologia, para história, para geografia.

Erivan: Concordo. Deixe eu fazer uma provocação, nesse volume absurdo de produção que não conseguimos acompanhar, daquilo que é possível, daquilo que você tem acompanhado, o que você destacaria, no que a gente pode chamar de campo de pensamento social, nos últimos tempos, como significativo?

Eu tenho acompanhado muito a produção do Bernardo Ricupero⁴⁴, que lançou o livro agora *Entre Ariel, Caliban e Próspero*, que é uma discussão importante sobre interpretação do Brasil numa chave sobre os dilemas da identidade na América Latina, eu acho o Bernardo Ricupero... esse modo como ele interpela o problema do pensamento conservador e também modernista para o Brasil, de ser conservador ou moderno no Brasil é um problema... Mas como eu tenho olhado para os projetos de lei da década de 1990,

⁴⁴ Bernardo Ricupero. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3261147009457296>. Acesso em: 25 jun. 2025.



para o currículo da educação básica no Brasil, e quem está discutindo uma ideia de democracia ali, ou seja, desde a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases Nacionais⁴⁵, em 1996, houve iniciativas para colocar disciplinas ou conteúdos transversais no currículo, sempre em nome da democracia, então eu estou pegando os projetos de lei e tentando formar um quadro de que ideal de democracia está presente nesses projetos de lei. Então por exemplo, de um lado estou analisando os projetos de lei, de outro lado estou analisando os documentos oficiais e estudando esses documentos oficiais do ponto de vista de uma história intelectual de como eles mobilizam referências, a exemplo, das orientações curriculares nacionais de 2006, como é que elas acionam o Florestan Fernandes. Eu estou, nesse momento até, analisando muito como é uma produção muito incomum também para a área de pensamento social... como é que você lê um projeto de lei? Que leitura é essa do projeto de lei? Então eu estou lendo um livro que eu fiquei muito impressionada, do Bruno Latour sobre *a fabricação do direito*⁴⁶, é esse modo de você questionar a sua fonte primária, sabe? Então eu uso essa bibliografia sobre o Brasil, essas inquietações, inclusive do Bernardo Ricupero, do André Botelho, da Lilia Schwarcz⁴⁷, essa produção, de olho nisso, desse grande problema do pensamento social brasileiro, olhando pros projetos de lei e lendo essa bibliografia que mobilizamos pouco que é a antropologia dos documentos. E os projetos de lei são incríveis do ponto de vista... não só de quem são os agentes e da forma descrita dos projetos de lei, então eu estou nessa dupla entrada, olhando essa discussão sobre as fontes primárias, que eu de início tive dificuldade. Porque é um texto hermético, então eu queria entender essa forma, tem esse aspecto.

Tenho lido também muita coisa sobre teoria do currículo, é uma bibliografia que tenho junto com a Arilda⁴⁸, que veio fazer o pós-doc, que também ministramos um curso sobre teoria do currículo e tenho pensado sobre isso que eu vou chamar “as guerras culturais”, que elas se traduzem em guerras curriculares, eu tenho feito um trabalho sobre

⁴⁵ BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁴⁶ LATOUR, Bruno. **A fabricação do direito: Um estudo de etnologia jurídica.** São Paulo: Editora da Unesp, 2019. 360 p.

⁴⁷ Lilia Katri Moritz Schwarcz. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3246688180226963>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁴⁸ Arilda Fortunata Arboleya. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3821456086395909>. Acesso em: 25 jun. 2025.



a Espanha, de como... veja, isso foi um giro muito louco... eu estava analisando as perguntas sobre ensino religioso na Europa... Isso ocorreu porque eu fui ver os projetos de lei do Padre Roque⁴⁹ no mesmo período em que ele luta pela obrigatoriedade da sociologia. Descubro que ele faz alterações importantes em favor do ensino religioso no ensino fundamental. Em razão disso fui ver como na Europa aparece o ensino religioso (a próxima etapa é ver na América Latina). Na Europa só a Albânia não tem ensino religioso na escola e na França, os outros países têm ensino religioso como disciplina, que a oferta é obrigatória, mas a frequência é opcional. É a disciplina que na Europa discute um aspecto importante da cidadania europeia, nesse ponto em que ocorre a União Europeia, da interculturalidade, isso é muito interessante, até eu quero escrever sobre isso. Lá é interculturalidade, o tema do ensino religioso ao passo que aqui Padre Roque ele vai usar o argumento do ensino religioso para a dignificação da vida após a ditadura e o assombro da tortura. Então tem a ver com essa ideia de que o Brasil é um país religioso, e de que a escola não pode negar isso, e de que uma forma de você criar uma cultura de paz é discutir a religião na escola. É uma discussão sobre a violência, sobre a tortura nessa década de 1990, enquanto a Europa estava discutindo interculturalidade, no Brasil estava se discutindo essa coisa, essa questão da dignificação da vida, quase como se fosse direitos humanos, é interessante que não se discute direitos humanos, não vi projeto de lei sobre direitos humanos, o Plano Nacional de Direitos Humanos na Educação Básica, ele vem depois, alguns anos depois. Então é bem interessante essa agenda, eu tenho lido alguns autores, algumas coisas sobre os autores espanhóis, sobre a questão de que houve um debate sobre currículo lá, que eles queriam que não tivesse ensino religioso, mas uma discussão filosófica sobre cidadania, uma disciplina sobre cidadania, há um debate. Então essa teoria do currículo, essa discussão sobre... que vem muito na vertente inglesa do Bernstein, que foi o discípulo de Karl Mannheim, que ele traz uma discussão da sociologia do conhecimento pro currículo, acompanhar um pouco essa teoria do currículo, tem me ajudado, porque eu acho que essa discussão sobre os currículos no Brasil, e o modo como as disciplinas e conteúdos são dispostos no currículo, e os debates sobre currículos no Brasil, precisa ser incorporado para uma agenda de pensamento social brasileiro também, quer dizer, o estatuto da ciência e de determinados valores na escola, como é que eles estão dispostos nesses debates.

⁴⁹ Ex-deputado Federal do Paraná pelo Partido dos Trabalhadores, mandatos de 1995-1999 e 1999-2003. Biografia no site da Câmara disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73783/biografia>. Acesso em: 25 jun. 2025.



Então tem a produção de material didático... o agro está produzindo material didático, inclusive estão lançando plataformas para o professor ir lá e pegar o material didático, chama De Olho na Escola, eu acho, o projeto do pessoal do agro, por outro lado tem o Brasil Paralelo, então eu tenho lido algumas coisas voltadas a uma teoria do currículo. Então eu poderia dizer que eu estou nesse triângulo, entre a produção das ciências sociais, da discussão do pensamento conservador e, por outro lado, vendo essa discussão dos currículos, tanto no Brasil.... Então é esse triângulo de uma agenda canônica, de uma discussão sobre currículo... hoje eu estou nesse tripé... e de uma discussão sobre fontes primárias também, a teoria da justificação do Luc Boltanski também, como é que é uma discussão sobre justificação, como é que eu justifico um ato, isso nós vemos... o projeto lei é uma peça de justificação impressionante, então eu estou também nessa... nessa chave da teoria social.

Emilly: Você registrou no seu lattes três disciplinas de pensamento social que lecionou na pós-graduação, duas são nominalmente pensamento social brasileiro. Como foi a experiência de dar esses cursos? Eles eram obrigatórios no currículo? Você deu outras disciplinas de pensamento social?

Essas disciplinas eu ministrei... acho que faz uns anos que eu não ministro na pós-graduação. Recentemente, há uns dois anos atrás, foi em 2022 que eu ministrei com Alexandro Interpretações do Brasil, que não deixa de ser... só que foi com uma agenda bem pontual, porque eram 100 anos do modernismo, então puxamos um pouco para esse aspecto. A oferta dessas disciplinas no programa acadêmico, ela sempre atendeu a linha de pesquisa, o eixo de pesquisa de pensamento social, mas também eu ficava impressionada porque tinha turma cheia, vinha muita gente, inclusive da ciência política, fazer disciplina, às vezes da educação. Então tem uma demanda... já fui chamada, acho que esse ano não fui chamada; ano passado, a última Semana Acadêmica de Ciências Sociais, eles queriam que eu falasse sobre Oliveira Vianna⁵⁰, é muito interessante isso, então tem uma demanda muito grande pelo pensamento social. Eu lembro a última vez que eu ministrei, Emilly, agora eu não vou lembrar que ano que foi... acho que foi 2015 no programa de pós, 2014 ou 2015. Depois da pandemia, não sei, a minha cronologia

⁵⁰ Oliveira Vianna. Vide: <https://www.academia.org.br/academicos/oliveira-viana/biografia>. Acesso em: 25 jun. 2025.

embaralhou, eu tenho muita dificuldade, mas eu lembro do número de pós-graduandos da ciência política, que nós temos um programa de ciência política aqui, e eles me falavam do quanto o pensamento social ajudava-os a pensar os fenômenos que eles estavam vendo quantitativamente nos dados deles.

Acho que o pensamento social, tem uma sociologia política ali, da relação Estado e Sociedade, muito importante. Além disso, temos uma linha de forte no programa, que é a discussão da violência e de políticas públicas, que também interpela a relação Estado-Sociedade, que eu acho que o pensamento social brasileiro faz muito bem, o modo como indagamos os autores. E eu lembro da disciplina de Intérpretes do Brasil, que eu compartilhei, uma disciplina que eu e Alexandro oferecemos, uma discussão também... uma demanda por esse debate sobre o pensamento, sobre a direita brasileira, sobre o pensamento conservador atual, até essa nomenclatura, o que é conservadorismo, fascismo, essa demanda também apareceu ali e a disciplina mais recente que eu dei na pós-graduação foi uma optativa junto com o Arilda sobre teoria do currículo e conhecimento, que é Karl Mannheim junto com esses autores, por isso que são as minhas leituras mais recentes, Erivan, de uma discussão sobre.

Então a minha oferta na pós-graduação, no programa acadêmico, ela tem sido não muito regular, porque eu tenho atendido também o Profsocio⁵¹, e desde que o Profsocio abriu é um equilíbrio... o Hilton sabe bem, é equilíbrio de pratos, porque eu dou obrigatórias no Profsocio, eu estou dando metodologia do ensino e teoria sociológica no Profsocio também, é uma loucura, eu não consigo... eu não consigo estabilizar uma agenda no PGSocio⁵² também, o que eu tenho feito é encontros quinzenais com os orientandos de leitura de textos e agora a Alexandro está fazendo junto conosco, da leitura dos autores, John Pocock, Quentin Skinner, toda essa discussão de metodologia, de como se constrói objeto, problema de pesquisa.

Hilton: Você falou das fontes primárias, eu lembro quando eu estava fazendo a minha tese, eu me divertia mais com os debates nas comissões parlamentares, pegava as análises... Mas quando tu falas dessas fontes primárias, eu fico pensando: Como isso poderia ser uma agenda interessante também. O que tu pensa sobre as fontes?

⁵¹ Programa de Mestrado Profissional em Sociologia da UFPR.

⁵² Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR.



Ah, eu acho que pode ser uma agenda... eu acho que é importante fazermos fazer essa discussão, temos o Antônio Brasil⁵³ que está fazendo uma discussão sobre os softwares, uma discussão bem bacana sobre o uso desses softwares, e acho que na área de pensamento social precisamos analisar, discutir as fontes, porque isso tem a ver com o engano que as pessoas têm acerca da área de pensamento social, que nos confundimos com o autor que estuda, então porque você estuda Gilberto Freyre, você é conservador e tal. Nós temos que publicar esse bastidor, sobre essa questão das fontes, na verdade nós fazemos isso o tempo todo, só que quando nós vamos para alguns... por exemplo, na minha tese que eu faço trabalho sobre o livro do Freyre, é quase uma biografia do livro, não tomo o livro como naturalizado, então é desmontar o livro, tanto no aspecto hermenêutico, como histórico, como é que surgiu o livro, como é que é a posição desse livro, como é que é crítica ao livro. Mas quando tomamos esses objetos que são pouco canônicos para a área de pensamento social, como um projeto de lei, eu acho que temos condições de mostrar bem o que a nossa área faz, talvez explicitar melhor o que nós fazemos, e o modo como nós interpelamos esses objetos também é diferente, e eu acho que eu tenho um modo de ser, de olhar, até de ler um romance que é diferente, é meio “Quem é essa autora? Quando ela escreveu? Que época escreveu?” é uma marca cognitiva [risos] é uma motricidade quase, ao jeito que pegamos as coisas. Nós também temos muito a contribuir para a antropologia dos documentos, por exemplo.

Então nessa via de mão dupla, quando trazemos as grandes [décadas], o que estava sendo discutido na década de 1990, os grandes problemas, as linhagens de pensamento, falando do Gildo,⁵⁴ lá, as linhagens de pensamento, interpela projetos de lei com essa chave, nós temos muito também, da área de pensamento social, a contribuir para uma reflexão sobre as agendas parlamentares, isso que eu falava da ciência política, porque que às vezes eles nos procuram para buscar em nós a base sobre a qual aquilo é feito. Eu sou suspeita, mas acho que a área de pensamento social, ela é de uma fecundidade impressionante e ela traz de partida interdisciplinaridade, toda essa questão, não importa se é da literatura, se é da história, se é da sociologia, ou da antropologia, ou até da filosofia.

NOTAS

⁵³ Antônio da Silveira Brasil Junior. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0549108509924675>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁵⁴ Gildo Marçal Bezerra Brandão. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8561300101174924>. Acesso em: 26 jun. 2025.



HISTÓRICO

Recebido em: 01/07/2025

Aprovado em: 07/08/2025

Publicado em: 11/08/2025

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Em Tese os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional (CC BY). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

